

PIM PAM PUM



DIRECTOR: AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL:
O SEGULO

DE SANTA-RITA

HÁ GRANDE REBO- LIÇO NO CORTIÇO

Por LEONOR DE CAMPOS

SUA Majestade a Rainha das Abelhas, andava preocupada. Morrerá, na véspera, a comandante em chefe das suas tropas e era preciso encontrar substituta à altura da gravidade do cargo.

Qual das suas vassálas deveria ser preferida? Todas eram trabalhadoras, diligentes, cumpridoras. Mas, para se ser bom chefe, não basta. É preciso dar provas de que se sabe mandar e ter espírito de iniciativa.

Ora, entre tantas dezenas de abelhas que via em volta de si, era difícil a escôlha.

— Tenho que a ertar! — dizia ela para as suas asas. — Se me engano, causarei a minha perda e a do meu cortiço.

De tanto pensar, Sua Majestade, que estava habituada a que pensassem por ela, até se esquecia de pôr os seus ovos — único trabalho a que se entregava.

Mas, de repente, houve no cortiço grande confusão. As sentinelas gritavam:

— Alerta!...

As abelhas-soldados corriam dum lado para o outro, muito atarantadas.

— O que foi? Que sucedeu — perguntou a rainha, aflita com tamanha desordem.

— Senhora!ª Senhora! — gritou uma

das abelhas, desorientada. — O inimigo acaba de invadir os nossos domínios.

— E quem é o inimigo?

— Dois casais de senhores caracóis, em carros blindados!... Já quisemos atacá-los. Mas eles fecham-se nos carros e batem-se. E nós escorregamos naquela baba e não conseguimos entrar lá dentro. Entretanto, eles avançam sobre a nossa cêra e dirigem-se para o mel.

— Que horror! — exclamou, arrepiadíssima, a rainha das abelhas. — Logo uma divisão motorizada!... E nós sem comandante em chefe! Estamos perdidas!... Perdidas, sem remédio!...

— Ainda não, senhora! — disse, em voz forte e segura, uma abelha, que chegava de fóra, nesta ocasião.

— Quem és tu, abelhuda? — interrogou a soberana, descontente.

Mas, num zum-zum discreto, a aia da rainha informou-a:

— Senhora: Esta é uma das melhores abelhas do vosso cortiço: — a Expedita.

— Expedita? Ah! sim! Já tinha ouvido falar nela, mas não a conhecia ainda.

E, voltando-se para a Expedita, continuou:

— Dizias tu que não estávamos perdidas. Porquê?

— Porque, se Vossa Majestade con-

A RAZÃO DA FORMIGA

Por LAURA CHAVES

FÔRA num dia de chuva que morrera o formigão, caindo dum alto cerro; e a desgraçada viuva não tinha nem um tostão para fazer o enterro.

Mas que desgraça sem par! Tinham sido tão felizes êle e ela em seu viver... E a formiguinha a chorar, rodeada de petizes não sabia que fazer.

E quando chegou a nova do que tinha acontecido, à família das formigas, encheram-lhe logo a cova, lamentando o sucedido, mais dum bilião de amigas.

(Continua na página seguinte)



sente, eu vou tomar as necessárias medidas para vencermos o inimigo.

A rainha aceitou logo o oferecimento, tanto mais que, entre todos os habitantes do cortiço, o único que parecia conservar a cabeça no seu lugar era a Expedita.

Esta imediatamente tomou o comando das forças. Com energia, zumbindo forte, tratou logo de acalmar os nervos de toda aquela bicharada. E, em seguida, ordenou:

— Agora, retomem as suas ocupações, como se nada se tivesse dado.

Depois, escolheu meia dúzia de abelhas, das mais valentes, e, baixinho, deu-lhe as suas indicações.

A vida no cortiço, dentro em pouco, estava normalizada. Ninguém perceberia, ao ver como as abelhas trabalhavam, despreocupadas e contentes, que na sua casa entrara o inimigo.

(Continua na pag. 2)



A RAZÃO DA FORMIGA

(Continuado da página anterior)

Houve choros, gritaria, e palavras de amargura ditas em todos os tons, e a pobre, a chorar, dizia: — «Faz-me bem vossa ternura! Vocês são tão bons! Tão bons!»

Vieram mil telegramas com pésames desolados. Veio mesmo a cotovia que desprende suas gamas em maviosos trinados numa triste melodia.

E vieram os bichinhos, mais o ouriço cacheiro, veio tôda a passarada mas, como eram pòbrezinhos, não lhe emprestaram dinheiro... Pois eles não tinham nada!...

Foi, então, que um pardalico, apontando a desgraçada, disse assim: «— Eu cá bem sei quem poderá, por ser rico, dar-lhe uma esmola avultada, é o Leão, o nosso rei.



E logo uma comissão, à pressa, se dirigiu ao palácio do Senhor, foi ter com el-rei Leão e para a pobre pediu um auxílio de valor.

O rei, maçado, ordenou, sem mostras de pena ou dó: — «Entreguem-lhe um bago de uva!» E nem sequer enviou uma palavrinha só de condolência à viuva.

Logo lho foram contar e esta gritou: — «Que ruim que é o rei dos animais! Era melhor nada dar, uma esmola dada assim, não consola, vexa mais.»

A perfeita caridade manda que dêmos a esmola antecedendo-a primeiro de palavras de bondade, que a palavra que consola dá mais valor ao dinheiro.

Há grande reboliço no cortiço (Continuado da página anterior)

Ora os senhores caracóis, depois de terem estado muito tempo recolhidos nas respectivas conchas, perceberam que as abelhas já se não preocupavam com eles.

— Vencêmo-las — julgaram. — Agora, temos o necessário para vivermos felizes. Além de casa, temos comida sempre que apeteça. E escusamos de trabalhar para a arranjarmos. Boa vida! Boa vida!...

Cautelosamente, deitaram uma antena de fóra, para se certificarem de que tudo estava em sossêgo. Assim era. Então, afoitaram-se a sair.

Mas a Expedita não dormia. E apenas viu os corpos dos senhores caracóis, fez um sinal aos soldados escolhidos. Estes saltaram sobre o inimigo.

Pouco depois, a batalha terminava. Os caracóis tinham morrido todos.

A Expedita voou, a participar o feito a Sua Majestade. Esta ficou muito contente e ordenou que lançassem fora do cortiço os cadáveres dos inimigos.

A Expedita apressou-se a cumprir as ordens recebidas. Mas... os falecidos caracóis continuavam agarrados à concha. E não havia força de abelha capaz de arrastar aquilo tudo.

— Senhora! — participou a Expedita à rainha. — E' impossível movermos os carros blindados! São tão pesados

que, tôdas juntas, não conseguimos sequer levantá-los.

— Então — exclamou a timorata soberana — logo que os corpos apodreçam, morreremos tôdas de epidemia!...



— Sossegai, senhora! — assegurou a Expedita. — Eu própria vou providenciar para remediar o caso.

— Se alcançares bom resultado, nomeio-te comandante em chefe das minhas tropas!...

A Expedita, depois de fazer a continência, afastou-se. Chamou grande número de abelhas-soldados. E saíram tôdas do cortiço, em direcção a uma quinta próxima.

Aí colheram determinada matéria resinosa nos botões de várias árvores — castanheiros, pinheiros e salgueiros. E, com essa matéria, ao voltarem ao cortiço, envolveram os corpos dos inimigos.

Estava salva de epidemias a grande família abelhal. A resina, apenas secasse, solidificaria e mumificaria os caracóis.

*
*
*

Houve festa rija no cortiço, dias depois. Sua Majestade a Rainha das Abelhas, no meio da sua cõrte luzida e zumbidora, condecorou e nomeou comandante em chefe das suas tropas o valente e espartissima abelha Expedita!...

■ F I L M ■

FAJOCA, PATACHOCA e CARALAROCA

(Continuado do número anterior)



O alcapão oferecia séria resistência aos machados da polícia mas acabou por ceder, pondo então a descoberto a sua goela diante para a qual um dos guardas apontou, satisfeito, ao mesmo tempo que dizia: — Ora até que enfim!... Vamos lá agora à procura do

neto do nosso amigo Caralaroca! Este, coitado, sem saber a tragédia que se desenrolava sob os seus pés, pressentia no entanto que algo de extraordinário e grave se estava passando e, aflito — porque não confessá-lo? — olhou ansioso para a abertura do alcapão.

Entretanto... o patife que tanto já molestara o pobre Fajoca, a-pesar-de valentia e resistência do destemido rapaz, achou mais prudente pôr-se a salvo, utilizando para isso a porta por onde entrara no subterrâneo e que comunicava com a rua oposta aquela em que o falso cego residia. Tivera este o cuidado de mandar construir aquela passagem secreta que lhe garantia, assim, a liberdade de movimentos, sem o risco de ser facilmente descoberto.



Logo que, alarmado, o seu algoz o abandonou, para se pôr cobardemente em fuga. Fajoca começou, conforme lhe foi possível, a rastejar. Daí a pouco, as suas mãos ainda doridas da luta que mantivera, encontraram dois objectos estranhos, verificando logo, a-pesar da escuridão do subterrâneo, que um deles eram uns óculos e o outro uma cabeleira postiça, o que imediatamente o levou à convicção — acertada, aliás, — de que lutara com o próprio «cego.» Depois... perdeu os sentidos. Fizera um esforço superior às suas forças e não pudera resistir. Quando, por fim, a polícia o retirou, ainda inanimado, do subterrâneo, trazia nas mãos as provas bem concludentes sobre a identidade do seu antagonista que, na precipitação da fuga, abandonara aqueles dois atributos do seu disfarce.

Prontamente pensado, com auxilio da ambulância portátil de um dos polícias, Fajoca voltou rapidamente a si. Estava combalido, é certo, mas a coisa não era, felizmente, de gravidade. Um pouco de arnica e daí a pouco, tínhamos novamente Fajoca... embora com dois «escritos» na testa e alguns «galos» na cabeça!...

Entretanto, a polícia nas pesquisas a que imediatamente procedera no subterrâneo, descobriu dois grossos volumes, dos quais partia o cheiro de



tinha de impressão fresca, que Fajoca tanto notara quando caíra pelo alcapão. O que conterão esses volumes? Só no próximo número poderá ser satisfeita a vossa justificada curiosidade!... Mas... Voltemos à Patachoca!... Seu avô e o irmão tinham-lhe deixado instruções para que, no caso de se demorarem mais do que meia hora, os fôssem procurar à casa do «cego» e, se ali os não encontrassem, avisassem imediatamente as autoridades. A meia hora passara com grande satisfação sua, pois também queria tomar parte naquelas excitantes aventuras e, daí a momentos, eis-la perante todo o aparato policial que cercava a residência do falso cego.

Não teve dificuldade em chegar junto do irmão e, logo que teve conhecimento do que lhe sucedera, quiz ir ver o «buraco» por onde ele tinha caído.

E' claro que, como boa Patachoca, quiz ver bem e tanto se debruçou que... catrapuz!... lá foi também. Valeu-lhe, todavia, um dos guardas que, presto, lhe deu a mão aos vestidos e a livrou de um bom trambulhão! Só então, quando refeita do susto, dois polícias a reanimavam, compreendeu o perigo de ser curiosa em demasia!...

(Continua)

CORRESPONDENCIA

Maria Felix — Com muito gosto publicaria os teus versinhos, se eles não tivessem sofrido o desastre de que foram vítimas, ficando de... pé quebrado.

Eduarda Gardil — Muito gratos te ficamos pelas referências tão amáveis. Serás bemvinda como nossa colaboradora.

Muitas lembranças a todos, do vosso muito amiguinho

TIO PAULO.

SERAPIÃO TRAPALHÃO EM VIAGEM PELO SERTÃO

(Continuado do número anterior)



O prometido é devido, segundo um velho rifão. Chegou, pois, a ocasião de prestarem sentido à nova atropaliação em que se vê envolvido o amigo Serapião. Dispunha-se a encher o cantil numa poça que ali havia, a fingir que era uma fonte, quando vê avançar hostil, sem a mínima cortezia, um enorme rinoceronte que, no seu espeto aguçado, o queria levar enfiado para, depois, com as patas, o transformar em purê — como se faz às batatas!... Valeu-lhe um bom chimpanzé que, andando por ali ao pé, a fingir que era polícia, lhe «diz» com certa malícia: — Oh senhor Serapião, o que vem a ser isso, então? Você, que é valentão, fica para aí a tremer sem já se poder mexer? Olhe que até mete dó!... «Atrepe» para aquele cipó e deixe o resto comigo, até passar todo o perigo!

Depois, para o rinoceronte, diz:

— Seu grande mastodonte! Alguém lhe fez algum mal? Olhe que não vale a pena gastar cêra com tal defunto!... Afaste para lá o presunto e ponha-se já a andar, pois estão quasi a chegar o Piegas e o elefante. Se o piscam, é um instante em que vai para o «major»!... Vá-se embora que é melhor!... Quem avisa amigo é... — disse ainda o chimpanzé!

Entretanto, o Serapião, como sempre bem mandado, fez das tripas coração e, embora envergonhado, arvorou-se em escalador, com toda a alma e fervor e ficou alcandorado, à espera do resultado do grandíssimo sarilho em que se achava metido. Por desgraça, um fundilho do nosso grande «valente» pega-se num tronco partido e, fingindo-se contente, rasga-se com alarido numa enorme gargalhada, deixando escancarada uma brecha no calção do pobre Serapião.

Mas voltemos ao rinoceronte que, erguendo, altivo, a fronte, onde tinha espetado o tal bico aguçado, responde com ousadia: — Pois saiba Vossa Senhoria, ilustre senhor chimpanzé, que nem que estivesse um dia inteiro a fazer banzê, eu não me arredaria, se quisesse fazer mal a esse pobre mortal! Vim apenas matar a sede — na minha palavra crede — pois, em caso contrário, seria grande o fadário dum e doutro afinal, pois aos dois espatifaria com toda a facilidade!... E olhe que não é vaidade!...

Mas, nisto, chega o Piegas que disparando, às cegas, dois tirinhos para o ar, consegue o bicho espantar e grande susto pregar de novo ao Serapião, pois já noutra ocasião experimentara a «pontaria» do outro, cuja mania era o que se está a ver: fazer fogo por prazer — dêa lá a quem doer! Vendo que passariam perto (Serapião era esperto) decidiu fugir às balas. Sem emitir quaisquer falas, prestes se deixa cair sobre o pobre quadrumano, que ainda se estava a rir do enorme desengano que sofrera o pedante, pouco antes tão chibante e que agora, ofegante, corria lá adiante. Rebolando pelo chão, chimpanzé e Trapalhão só conseguem parar quando podem encontrar uma colsa que os sustenha: um grande monte de lenha onde batem com a tóla! Estava feita a carambola!...

E assim se acaba o bródio e, com ele, o episódio!

Para a próxima semana, visto que não será antes, a rica fauna africana, tão pródiga em gigantes, aumenta estas «façanhas» com as terríveis aranhas e ainda se dará fé doutros pratos de polé, reservados ao chimpanzé!

Há, portanto, que aguardar e até lá vamos estudar, pois nenhum decerto ousa regres-



(Continua no próximo número)

AS COLOSSAIS PROEZAS DO COW-BOY FRED ALL-RIGHT DO SEU CAVALO FOLHA DE ALFACE E DO SEU CÃOZINHO ZABUMBA

POR LUIZ FERREIRA (NO LUIZ)



NAS regiões pantanosas de Koka By-Xinhos, cem léguas a noroeste das montanhas de Saja-Malékes, tinham chegado notícias alarmantes. Os pele-vermelhas da sanguinária tribo dos Panteras Esfaimadas revoltavam-se novamente, alegando falta de pinhões e rebuçados para comerem, durante o inverno, que se aproximava a passos de gigante. Para início das suas condenáveis façanhas, tinham já lançado fogo a várias lojas de barbeiro e a «fazendas de 50\$00 o metro». A distância, o clarão dos incêndios e o crepitar das castanhas, denunciava o horror da situação.

Urgia tomar providências qualquer coisa que mitigasse a sede provocada pelo calor. Tal estado de coisas é que não podia continuar!

Foi, então, que todos os olhares e todos os apelos convergiram para o único homem capaz de fazer frente à situação. Esse homem — tirem o chapéu, se fazem favor — era o «cow-boy» Fred All-Right, vencedor consumado dos ardis dos pele-vermelhas e, sem favor, o mais competente, para elaborar e executar um plano de ataque. Tinha 40 anos, rosto bolachudo, nariz de papagaio louro, cabelos negros como

azeviche e já fôra revacinado oito vezes.

Dois companheiros nunca o abandonaram: o cavalo Fôlha de Alface e o cãozinho Zabumba. O primeiro, amarelo torrado como um pastel de nata, não era menos inteligente que o dono. Contava até 10, sem se enganar, bailava o «fox-trott» e lavava os dentes, após as refeições. O segundo, era um amor de cão. Branquinho, com uma malha preta na testa, só comia bifés na grêlha e carne estufada. Muito novo, o seu principal entretenimento era jogar o loto com outros cães das suas relações.

Ora, quando um convite formal chegou até junto de Fred All-Right, para este submeter, pela força ou pela astúcia, os Panteras Esfaimadas, o denodado «cow-boy» não hesitou. Convocou o Fôlha de Alface e o Zabumba que andaram a brincar às escondidas no jardim e logo se aprestou para a partida... que ia pregar aos peles-vermelhas. Sem uma única arma (a não ser um limpa-unhas e um saca-rôlhas para intervenções cirúrgicas urgentes), Fred All-Right seguiu viagem ao encontro do inimigo. Montava o Fôlha de Alface e levava, na garupa do cavalo, o fiel Zabumba. Num garrafão de vi-

dro, revestido de palha entrançada, conduzia 100.000 pulgas amestradas, e às costas, em volume minúsculo, trazia uma rede de malha finíssima, capaz de cobrir dois ou três quilômetros de terreno. Os três inseparáveis companheiros, mastigando tremoços, amendoins e comprimidos de bacalhau assado, andaram durante três dias e três noites. Por fim, avistaram, a uma dezena de quilômetros, um clarão avermelhado, indício evidente de que o inimigo estava próximo e a fazer tropelias.

Fred All-Right, Fôlha de Alface e Zabumba não pestanejaram. Tinham o seu plano e nele confiavam até à chegada da D. Vitória! Meia hora depois, graças aos gritos do «cow-boy», aos relinchos do cavalo e aos latidos do Zabumba, os Panteras Esfaimadas cercaram o terceiro, no intuito de o aniquilar. O feiticeiro da tribo, pintado com tintura de colorau e ostentando na cabeça uma pena de avestruz, lambia os beiços, antegozando o momento de triturar as costeletas do «cow-boy». Enganara-se, porém, nos seus cálculos de antropófago!

Precisamente no instante em que

(Continua na pág. 8)

PANTALEÃO PEQUENO HEROI SERENO E MACARENO

Por FERNAND'ALMIRO

IV

Um pouco desanimado, Pantaleão, com os insucessos obtidos, que — diga-se de passagem,

sar com a «raposa» que já espera na escola os que não tiveram tóla!... Não esqueçam pois o conselho dêste vosso amigo velho, que nada tem de marau!... E abraços do

NICOLL AU.

em nada abalaram a serenidade do nosso herói — resolveu alargar os seus conhecimentos aeronáuticos, e, para ver mais possibilidades na vida, abalou até França, disposto a estudar e trabalhar na conquista de novos «brevets».

El-lo um dia, de noite, no «tunel aerodinâmico» de Saint Cyr onde são ensaiados os vários modelos de aviões que mais tarde cruzarão os céus, carregados de passageiros.

Montado sobre o cavalete de «balança», quasi na boca

do tunel, estava uma curiosíssima figura dum «trímotor» comercial, matteravilhosa peça de carpintaria que o muito desejou ver de perto.

Como era Pequeno de nome e muito mais de estatura, teve uma tentação diabólica: trepou ao tunel para ver tudo bem ao pé. Se bem o pensou, melhor o fez, e vá de preparar por ali acima como um macaco, agarrando-se a tudo

quanto estava ao alcance da mão para conseguir o seu fim: Ver e crer como S. Tomé.

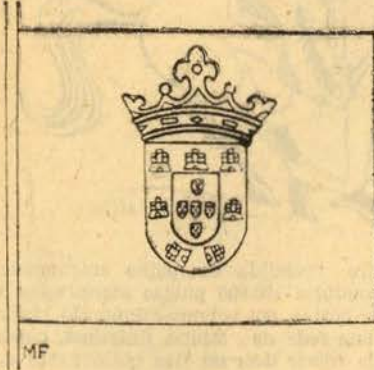
Mas — ó infelicidade das infelicidades! — mal acabava de conseguir o almejado fim as

(Continua na pág. 8)



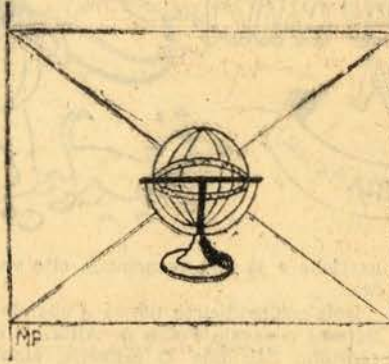
BANDEIRAS DE PORTUGAL

DESENHOS PARA COLORIR



12 — Bandeira de D. Manuel I

É branca. O escudo é branco ao meio. As quinas são azuis com as pintas brancas. Os castelos, de cor amarela, estão sobre uma orla carmezim. A corôa tem a cor dos castelos e as pedras são, alternadamente, azuis e encarnadas.



13

Bandeira das navegações

A parte onde assenta a peanha da esfera e a parte superior, são vermelhas. O restante é branco.



14 — 1.^a Bandeira dos Filipes

Idêntica à de D. Manuel I, tem apenas, como diferença, a corôa que é fechada e colocada junto à tralha. O fundo é branco. (1580-1616)

DO REINO DAS FLORES

DESENHOS PARA COLORIR

Lilium philadelphicum



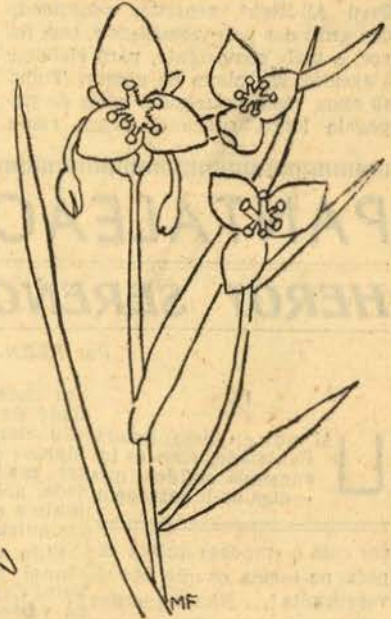
É uma flôr linda. Caule e fôlhas verdes. Os filetes dos estames são vermelhos com as extremidades amarelas e de cor carmezim. As pétalas são encarnadas por dentro e amarelas por fóra.

Impatiens biflora



Caule e folhas verdes. Flôres amarelas com pintas encarnadas.

Tradescantia virginiana

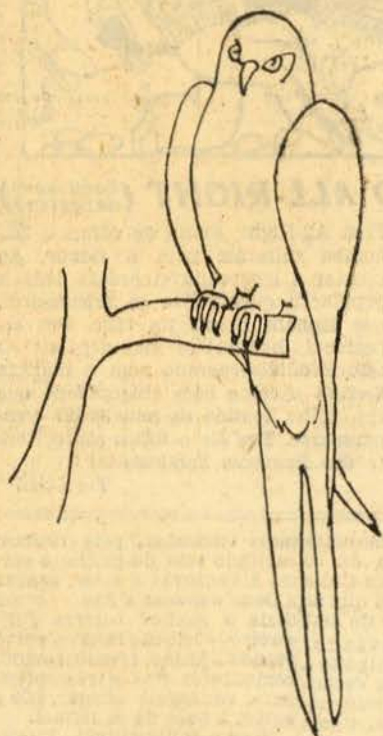


Caule, fôlhas, botões e sépalas verdes. Pétalas de cor róxa, um tanto clara. Estames desta cor, porém bastante mais escura. Pólen amarelo.

NO REINO DOS BICHOS

Desenho para colorir

MILHAFRE



O milhafre, ou milhano, é comum nos nossos campos.
A gravura representa o milhano da América. É branco, à excepção das asa se da cauda que são acastanhadas.

ENTRETENIMENTO

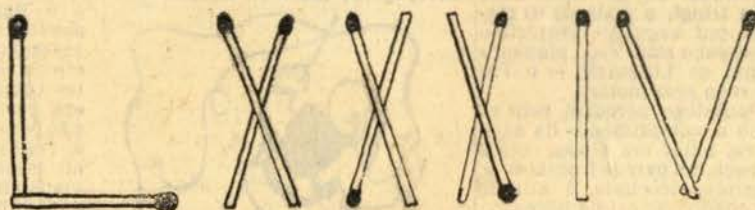
s	g	v	u	e	l
m	a	y	x	e	k
s	a	b	b	c	a
v	i	a	i	c	e
n	s	t	e	n	s
i	a	n	t	o	o

A D I V I N H A

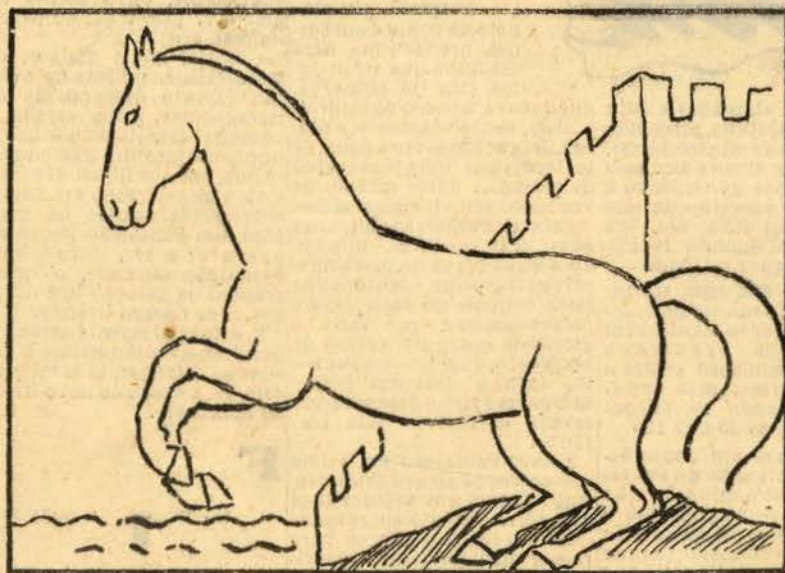
MF

Se se traçarem duas linhas neste quadrado, encontra-se um nome de homem e um nome de mulher.

PROBLEMA (Solução do numero anterior)



UM DESENHO INCOMPLETO CIDADES PORTUGUESAS



Aquele dos nossos amiguinhos que melhor completar este desenho e melhor o tiver colorido, daremos um lindo prémio.

(Solução do número anterior)

- Viseu
- Dili
- Aveiro
- Praia

- Pôrto
- Bolama
- Beira
- Setúbal
- Luanda
- Guarda
- Macau
- Lisboa

RAZÃO SIMPLES

Ao grande poeta espanhol Quevedo, apresentou, em certa ocasião, qualquer poetrasto dois sonetos, relativos ao mesmo assunto, para ele dar a sua opinião sobre qual dos dois seria o melhor. Ouviu Quevedo ler o primeiro e, sem hesitação, disse logo:
— «O melhor é o outro?»
— «Mas se o senhor o não viu, atalhou o autor dêles, como pode sabê-lo.»
— «Meu caro senhor, porque nenhum pode ser pior do que aquele que acho de ouvir.»



AS COLOSSAIS PROEZAS do «COW-BOY» FRED ALL-RIGHT (Continuado da página 5)

uns doze Panteras se iam lançar às «vítimas», Fred abriu o garrafão e libertou as 100.000 pulgas, limitando-se a dizer-lhes:

— Cumpram o seu dever!

As bichinhas, dividindo-se por todos os peles-vermelhas, entraram em acção. Rebolando-se pelo solo, abandonando armas e bagagens, os peles-vermelhas não podiam suportar o horror das cócegas. Intentaram fugir para um rio que perto passava. Mas Fred All-Right

não lhes deu tempo para isso. Lançou sobre eles a réde e ordenou a Fólha de Alfaca e a Zabumba:

— Estiquem!

A réde, como se fosse um saco enorme (do tamanho do Rossio, pouco mais ou menos), fechou-se e os 20.498 peles-vermelhas da tribu dos Panteras Esfaimadas ficaram presos como se fossem pássaros.

O triunfo tinha sido completo!

As pulgas regressaram ao garrafão e

Fred All-Right, Fólha de Alfaca e Zabumba voltaram para a cidade. Ao constatar a inacreditável proeza, toda a população quis ir ver os prisioneiros, que tinham ficado na réde. Um espectáculo horrível se lhes deparou! O feiticeiro, desesperado com a ingloria derrota e como bom antropólogo que era, tinha comido os seus 20.497 companheiros. Era ele o único sobrevivente dos Panteras Esfaimadas!

Tio LUIZ

PANTALEÃO PEQUENO (Continuado da pág. 5)

«hélices do ventilador» são alguns dias de duplo comando postas em movimento e um e de algumas «descolagens» e turbilhão de ar canalizado «ancoragens, mais ou menos pelo tunel, a mais de 80 metros por segundo, projecta-o no espaço num «vão planado» digno de Lillenthal — o Pai do «vão sem motor.»

Pantaleão percorre pelo ar todo o comprimento da sala, e vai bater em cheio, com a cabeça, na parede fronteira e, fazendo ricochete, é atirado ao chão onde cai de bôco!

Gritos aflitivos se ouvem e correm todos a prestar auxílio ao nosso homem que já supunham morto.

Espanto geral! Pantaleão, já sentado no chão, limpava serenamente o seu chapéu de côco amachucado, aproveitando uma madeixa das farras barbas!...

— Está ferido?... Precisa alguma coisa? — perguntaram todos, pressurosos.

— Muito obrigado, senhores. Preciso unicamente de me ir embora, porque já aprendi as duas utilidades dum aerodinâmico. A primeira, projectar uma corrente de ar suficiente para ensaiar as qualidades aerodinâmicas dos vários tipos de aviões; a segunda... projectar, contra a porta da rua, as visitas indiscretas, intrometidas e indesejáveis!...

E Pantaleão Pequeno, entrando pela cabeça abaixo o seu côco salvador e impertigando-se mais dentro da sua labita coçada, dos dias solenes, saiu, coxeando como um gato de cégada, sereno e macareno como sempre.

O nobre Pequeno, descendente da Casa dos Pequenos do Campo Pequeno, era agora aluno da Escola dos Hidroaviões de S. Rafael. Depois de

Pantaleão descobriu uma coisa curiosíssima: — Vista de 50 metros de altura, a água tinha uma transparência tal que se conseguia ver o fundo do mar



perfeitas, foi «largado» e saiu para o mar, sozinho, pilotando um aparelho de «flutuadores», com bastante arrelia sua, pois há muitos dias que andava à «côca» dum aparelho de «coque», porque, dizia ele, era mais seguro quando levava a «bordo» algum «bitoque.»

Ora, nesse dia, para solenizar o acto da sua largada, levou para o ar o cantil bem atestado, pois precisava fazer uma saudação «entre o céu e a terra», mas precisamente quando se encontrasse «entre as 10 e as 11.»

O dia estava um pouco áspero e a garganta de Pantaleão secava-se a miude, o que o obrigava continuamente a «molhar a palavra» que nunca chegava a pronunciar porque ia sozinho na «carlinga» e não era hábito seu falar sozinho nem com os seus botões.

Já a voar sobre o Oceano,

e o nosso aviador assistiu maravilhado à passagem dum cardume de peixes reluzentes como prata. Como era pescador emérito, não pensou duas vezes e resolveu «amarrar» ali mesmo, o mais de mansinho possível para não espantar os cachuchos que andavam em exercício matinal.

Abriu a «garrafa do ar comprimido», encheu o «barco de borracha», saltou para dentro, amarrou um alfinete na ponta dum cordel, prendeu-lhe uma sardinha que tirou dum lata de conserva,

que levava a bordo do «hidro», e ei-lo, cautelosamente, a pescar, debruçado sobre a água, de tal forma que tinha já as barbas de molho... antes mesmo de ver as do seu vizinho a arder.

Estava Pantaleão ali, nas suas sete quintas, quando após duas horas de pescar, resolveu regressar, orgulhoso da farta colheita de cachuchos e peixes-espadas, que faria a glória de qualquer varina da Madragoa, quando — ô céus! — lhe caiu a alma aos pés; o hidroavião tinha desaparecido levado «à deriva» pela corrente!

Estava Pantaleão mais uma vez entregue ao seu fatal destino! Estava um aviador bem aviado... e muito engravado! Barco, remos e braços para remar não faltavam, mantimentos também não, e Pantaleão pensava, filosoficamente, que os homens da Nau Catrineta ainda tinham tido

mais «macaca», pois tinham «deitado sola de mólho e sorbetes a ventura» e a ele, graças a Deus e graças a Noe — como dizia o senhor Guerra Junqueiro — não lhe faltava peixe espada... Então, remou, remou, remou, três dias e três noites, para conseguir chegar, são e salvo, à base de S. Rafael.

Pasmado indiscriminadamente com que foi recebido, atingiu o delírio. Palmas, vivas, abraços, beijos, enfim uma verdadeira apoteose a Pantaleão ressuscitado, mas o nosso herói, impondo silêncio e empunhando um cachucho, num gesto melodramático falou, desenferrujou, finalmente, a língua que já começava a estar embotada, pela falta da aguardente, pelo salitre do mar e... pelo o sal do peixe-espada cru:

— Basta, meus amigos, de manifestação e basta de aviação! Como descendente de navegadores, tinha errado a vocação! Depois da minha retumbante façanha trágico-marítima, em que fiquei devendo a vida ao cachucho e à minha heroicidade, grande de mais para um Pantaleão Pequeno, passarei a ser, d'ora-avante Pantaleão-o-Grande, o «mais grande» da geração dos Grandes... de Campo Grande.

E, estupidamente sereno e macareno, empunhando o cachucho salvador, lá se foi para sempre, à busca do novo título de nobreza...

F
I
M